

São Paulo, dia 16 de setembro de 1983.

Relatório da viagem ao Rio Negro - Am.

Eu e minha família saímos de São Paulo no dia 5 de julho e voltamos somente no dia do corrente mês. O objetivo principal de viagem foi porque tínhamos um encontro de lideranças indígenas, em Manaus, conforme a decisão feita em Brasília.

Quando chegamos em Manaus só deu para encontrar um representante de cada tribo de Roraima, (Terêncio Macuxi, um Wapixana e outro Yanomami), A reunião foi boa, porque deu para compreender como é necessário a gente organizar as tribos para defender a terra. Segundo os índios de Roraima, a terra é fundamental para termos a autonomia, portanto, qualquer que seja índio que, nós, os mais conscientes, devemos chamar para conversar sobre os problemas mais pendentes. Nessa ocasião esteve o Antenor Lobo, da tribo Mirity do Rio Tiquié.

Quando passei no escritório da FUNAI, o que me impressionou bastante foi que, encontrei muitos índios da tribo Sateré-Mawé e alguns Tikunas todos atrás do Kazuto Kawamoto. Eles me disseram que ele estava fugindo porque não queria conversar com eles; e o mesmo disseram também os Mundurucu. Falei com todos eles, e perguntei-lhes como é que estava a organização nas aldeias. Eles me disseram que estavam mais ou menos, e outros que, estavam todos conscientes e por isso estavam falando línguas próprias para se identificar diante dos outros povos. Eu gostei muito, porque, segundo eles, que antes, muitos deles não queriam falar língua, e agora, vendo que a situação está cada vez mais difícil, então todos estão descobrindo seus parentes.

Mais uns dias depois fui até a São Gabriel da Cachoeira, terra onde fiz o meu ginásio e científico. Fazia quase três anos que eu não ia por lá, porque depois que voltei do IV Tribunal Bertrand Russell, da Holanda, tanto a minha situação e mais dos meus parentes complicou para valer mesmo. En-

tão, chegando por lá não me encontrei com meu pai, pois este se encontrava muito ~~mal~~ de gripe numa paróquia dos salesianos, em Pari Cachoeira. Ele passou mal mesmo, e quase que morreu, e não só ele e como os demais velhos.

Assim, para não ficar perdendo muito tempo embarcamos num barco de um comerciante colombiano, e subimos o Rio Negro até a fronteira - Cucui, e fomos a Venezuela e Colômbia.

Tanto em São Gabriel e como resto da viagem foi importante a minha chegada, porque muitos índios vieram me cumprimentar, os brancos também. Quer dizer, antes de sair de São Gabriel eu tive poucas pessoas que conversavam comigo, agora todos me acompanhavam. O mesmo aconteceu em Cucui, porque a região do Rio Negro é muito povoado pelos índios de várias raças.

Agora que pude verificar bem, que todos os índios conheci e alguns caboclos têm uma vida igual nos costumes de alimentação e nas festas, como por exemplo, do Divino Espírito Santo. Realmente, é um pedaço de terra onde existe a resistência de índios em meio a tanta difusão de programas de ensino do Estado.

Mais tarde voltei de Cucui a São Gabriel e encontrei o meu pai a 120Km distante de São Gabriel. Ele tinha chegado de Pari Cachoeira, mas vendo a miséria e o custo de vida alto demais, então, ele foi morar com os parentes que moram a muito tempo num lugar fértil, de muita caça e de peixe. O nome desse é Balaio e fica acoplado a terra dos Yanomami.

O meu pai saiu de vez, porque não quis ficar mais perto dos padres e que a comunidade dele foi arrasada por um missionário. Não queria dizer, mas a história é assim:

Papai foi líder da comunidade de São Francisco por mais de trinta anos. Nas grandes festas, ele sempre soube coordenar o trabalho de união e sempre foi pessoa que soube discutir com os padres, e desse modo, era uma pessoa que sabia dizer sim, quando era bom e não, quando não estava de acordo.

Assim, um padre começou um jogo muito bem e dividiu a nossa comunidade, abriu estrada junto com os Maku, jogou palavras e enfim derrubou o meu pai. São Francisco de ontem ficou arrasado, apenas com duas famílias que ficaram com gado e com padres. Agora, o mesmo aconteceu com os Deçano de São José, com Deçano de Santo Antônio, de Cucura (Deçano), pois a maioria saiu.

Em conclusão, poderei acreditar nessa educação?

Pois bem, assim a maioria dos índios do Rio Negro estão descontentes com algumas freiras, e com alguns padres, com os funcionários da FUNAI porque estes, de certa forma, causam problemas sérios.

Outra coisa, os missionários fizeram no mês da agosto o Centenário de sua congregação e fizeram grande festa. O Reitor que veio de Turim ficou maravilhado quando viu os alunos cantaram e fazer teatros, e garantiu que não vai fechar nenhuma missão. Mas, o meu ^{pai} e alguns que não estão vendo ^{que não} ~~o~~ certo, disseram entre si que, os missionários sempre trazem cineastas, os cientistas e outros parentes para mostrar só que é bom para eles, mas que não vêem o que acontece nos povoados onde existe a tuberculose, a verminose, os dentes podres, enfim a desorganização nas tribos. Lá é assim mesmo, ou você fica manso ou fica fora, como fez o meu pai e outros. Além disso, mais de 2000 pessoas já saíram e virão outros tantos.

Assim eu vim para essas bandas, sempre pensando na UNI, porque vejo que os problemas existem mesmo a partir da FUNAI, dos fazendeiros. Cheguei a Rondônia e conheci alguns funcionários da FUNAI. Digo alguns, porque a maioria deveriam ser pessoas oportunistas como sempre. Uns me disseram que têm muitos funcionários na cidade Vilhena, mais de trinta e uns dezoto no campo. Sem saber o estava fazendo vi dois postos, onde vi casas de alvenaria para guardar rádio e outras coisas da FUNAI. Agora, onde é necessário mesmo, as casas dos índios são precárias. A conclusão que me veio na cabeça foi seguinte, é bom que o Banco Mundial ajude na demarcação de terra dos Nambiquara, e que por outro lado não vi nenhuma razão de tantos funcionários, como sempre, sempre sugando o bom salário às ~~costas~~ costas dos índios. É

isso que está errado ao ver das lideranças indígenas da UNI, porque existem pessoas falando em nome dos índios, pregando auto-determinação e, quando na verdade o índio fica sempre para trás. Também existem pessoas solidárias e sinceras à luta indígena, a estas sim, que damos muito valor.

Esperamos uma boa reflexão dos leitores.



Doéthiro.